

## TEXTO: LETRA, COR, IMAGEM. UM CORPO DESVIANTE?<sup>1</sup>

### TEXT: LETTER, COLOR, IMAGE. A DEVIATING BODY?

Carolina Fernandes<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho discute a noção de texto no quadro teórico da Análise do Discurso, onde é percebido como um espaço simbólico aberto e heterogêneo cuja textualização se faz por meio de diferentes materialidades lingüísticas, seja a linguagem verbal, a não-verbal, ou ainda pela combinação dessas linguagens. Para elucidar o conceito proposto, analisamos duas capas da revista *Veja*, mostrando a possibilidade de trabalhar esse material como um texto. Em nossa análise, percebemos tanto o trabalho das relações interdiscursivas quanto das relações intertextuais envolvendo condições de produção específicas. Concluimos, assim, que a capa de revista pode constituir uma possível forma de textualização do discurso, evidenciando a heterogeneidade e pluralidade da noção de texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** texto; materialidades textuais; discurso.

**ABSTRACT:** This work discusses the notion of text in the theoretical realm of the Discourse Analysis, in which it is perceived as a symbolic space, opened and heterogeneous, whose textualization is constituted by different linguistic materialities, whether the verbal, non-verbal, or still by the combination of these languages. In order to elucidate the proposed concept, we analyse two cover of the Brazilian magazine *Veja*, demonstrating the possibility of working this material as a text. In our analysis, we perceive both the work of interdiscursive relations and the intertextual relations involving specific conditions of production. We conclude, therefore, that the cover of a magazine can constitute a possible form of textualization of discourse, evidencing the heterogeneity and the plurality of the notion of text.

**KEY-WORDS:** text; textual materialities; discourse.

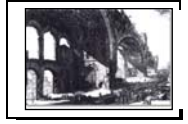
#### INTRODUÇÃO

Ao desenvolver meu trabalho de mestrado a propósito do discurso da revista *Veja* sobre Lula compreendido por meio das capas da revista, detive-me a refletir acerca da noção de texto por considerar que, embora as capas se apresentem como uma

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão atualizada do trabalho apresentado no VI Fórum FAPA. Conhecimentos: múltiplos olhares, Porto Alegre, RS, 27 de outubro de 2007.

<sup>2</sup> Mestranda em Análises Textuais e Discursivas pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRGS. E-mail: carolfr20@yahoo.com.br.



materialidade complexa por mesclar as linguagens verbal e não-verbal, elas apresentam uma ordem textual.

O que proponho para este trabalho é justamente discutir a noção de texto na problemática da Análise do Discurso<sup>3</sup> por julgá-la mais apropriada ao estudo das capas de revista, uma vez que essa disciplina se propõe como um *modo de leitura crítico* que considera as condições de produção do discurso e a determinação ideológica no processo discursivo.

Além disso, a AD, por encontrar-se num lugar de tensão dos estudos lingüísticos (Orlandi, 1994), percebe a língua em sua opacidade significativa e material, podendo, assim, compreender materialidades textuais das mais diversas. Nesse artigo, a fim de revelar a possibilidade de textualização discursiva por meio tanto das linguagens verbal e não-verbal, analiso quatro capas da revista *Veja* cujos recursos lingüísticos e imagéticos representam discursivamente Luiz Inácio Lula da Silva<sup>4</sup>. Nas análises, procuro mostrar como a capa de revista pode servir como uma materialidade textual rica e instigante ao contrário de considerá-la uma forma não padrão de texto.

#### BREVE PERCURSO PELA FUNDAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Em meio à conjuntura conturbada dos movimentos sociais e intelectuais na França, que culminaram no conhecido maio de 68, numerosos teóricos entre eles: Althusser, Pêcheux e Lacan, desenvolviam seus estudos a fim de desestruturar o sistema fechado de ensino da época. Os estudos sobre a relação entre ideologia, sociedade e linguagem tiveram sua importância para reformular o quadro acadêmico muito enrijecido pelos estudos formalistas e empíricos que predominavam na época de glória do Estruturalismo.

O Estruturalismo, desenvolvido a partir das reflexões saussurianas sobre a língua sistêmica, fez da Lingüística uma ciência-piloto de todas as ciências de cunho social. Graças ao método sincrônico de análise, elaborado para garantir à Lingüística autonomia e cientificidade, a metodologia descritiva passou a imperar também fora das ciências exatas. Contudo, como toda disciplina já consolidada, o Estruturalismo encontrou suas limitações, sofrendo um “relativo esgotamento” logo no final da década de 60.

É durante esse período que Michel Pêcheux inicia seus trabalhos como pesquisador

---

<sup>3</sup> Também será tratada por AD.

<sup>4</sup> Esses recortes fazem parte do projeto de dissertação de mestrado que desenvolvo sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Freda Indursky.



do C.N.R.S. (*Centre National de Recherche Scientifique*) na área de psicologia social, analisando o discurso político. Preocupado com o modo como os conhecimentos científicos eram produzidos, Pêcheux passa a questionar o modo como as ciências de formação social importavam os saberes da lingüística, sem deslocá-los, sem retirá-los de seu campo, o que, para ele, prejudicava o avanço dessas áreas, principalmente com relação aos estudos históricos que, devido ao aspecto transparente e auto-suficiente da linguagem, tomavam os fatos como evidências da realidade, levando o historiador a considerar aquilo que lia como algo incontestável e absoluto.

Desde o início de suas reflexões, ainda sob o pseudônimo de Thomas Herbert, o autor (1968) considera que não há uma separação entre a ciência que se diz pura e as ciências sociais, já que nenhuma forma de produção de conhecimento está livre da ação da ideologia bem como explicita o próprio teórico (idem, p.64): *toda ciência é inicialmente ciência da ideologia da qual ela se destaca*. A noção de ideologia, apropriada do materialismo histórico, e que nada tem a ver com a "distorção da realidade", é desde logo relacionada à linguagem como princípio de produção do sentido. Observa-se aqui ainda a necessidade de cruzar caminho com uma ciência que dê conta da língua (linguagem) como seu objeto de estudo.

Considerando que uma ciência que se basta por ela mesma não pode se relacionar com as outras, para Pêcheux, as ciências de formação social necessitavam de uma Lingüística que abordasse o sentido como constitutivo ao mesmo tempo da exterioridade e da linguagem. É desse modo que, segundo Malidier (1993), a AD se apresenta desde seu início como *um modo de leitura* que, para nós analistas, apresenta-se como plenamente crítico. Para considerar a relação exterior/língua, era preciso provocar tensão no interior da Lingüística tal qual propõe Orlandi (1994), desestabilizando sua estrutura rígida. Somente assim a linguagem poderia servir aos propósitos das ciências sociais.

No entanto, o campo das humanas não poderia permanecer intacto para receber uma nova concepção de linguagem. Pêcheux propõe, então, a igual desestabilização do Materialismo Histórico, reformulando o conceito de ideologia nele desenvolvido. Mas para articular ambas as áreas ainda foi preciso atravessá-las pela psicanálise. É a partir da articulação e reformulação desses três eixos: Lingüística, Materialismo Histórico e Psicanálise, que a AD fundamenta sua base teórica.

É relevante salientar que o entrecruzamento desses campos tão distintos não se dá de modo tranqüilo, mas como observa Orlandi (1996b), realiza-se nos espaços de conflito entre seus objetos que de excludentes passam a se integrarem constitutivamente. Nesse



sentido, a autora percebe que a AD foge dos moldes da interdisciplinaridade, funcionando mais como uma disciplina de *entremeio* por deslocar sentidos dessas áreas, propondo certos rompimentos. Segundo a analista (*idem*), a AD se constrói no entremeio, e não *entre disciplinas*, já que se constitui no espaço de contradição entre as disciplinas, na intersecção “forçada” dos seus eixos opostos, e não na relação de seus pontos afins.

Assim, a AD surge como uma espécie de “antidisciplina”, provocando ruptura com as áreas com que dialoga, causando desconfortos para alguns e fascínio para outros. É desse modo, derrubando estruturas fixas, que a AD vai construir sob essas cisões seu próprio arcabouço teórico de onde emerge o conceito de texto abordado neste artigo.

#### A NOÇÃO DE TEXTO SEGUNDO A ANÁLISE DE DISCURSO

Bem longe de considerar o texto um corpo amorfo, em que nem a cor ou as formas das palavras significam, apenas seu conteúdo, a AD fornece os subsídios necessários para se analisar o texto a partir do âmbito de seus diferentes modos de textualização, visto que seu objeto, o discurso, entendido por Pêcheux (1969, p.82) como "efeito de sentido entre interlocutores", não apresenta uma forma física definida de materialização.

Um rabisco no papel, um borrão de tinta na parede, se a eles se puder associar uma memória, ou seja, um sentido produzido em outro lugar, numa outra conjuntura, então poderemos dizer que estamos diante de textos.

A noção de texto na AD é desenvolvida a partir da noção de língua definida por Pêcheux (1989) como "materialidade discursiva", ou seja, a língua é o meio material de acesso aos efeitos de sentido. Partindo desses pressupostos, Orlandi (1984, p. 115) concebe a noção de texto como "uma unidade significante, não-linear, não-formal", uma unidade imaginária por meio da qual o analista parte para compreender os processos discursivos que produzem tal materialidade.

Sendo o texto "portal" à discursividade, não interessa à AD sua organização própria, seu arranjo, sua estrutura e progressividade, mas seu funcionamento discursivo, sua relação com as condições de produção específicas e amplas que o constituem, com o contexto sociohistórico, com suas determinações ideológicas.

Olhar o texto, portanto, sob o prisma discursivo é considerá-lo, como propõe Orlandi (1996, p. 53), *objeto lingüístico-histórico*, já que a língua, afetada pela história, une-se a ela num pacto de indissociabilidade. Não há sentido produzido e cercado na/pela estrutura



da língua, assim como não há história em que a língua não intervenha para lhe armar de sentidos. Trata-se aqui da noção de historicidade, da história inscrita na linguagem, não em sua estrutura, mas em sua materialidade significativa.

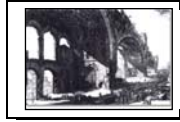
Tencionando ainda os moldes de padronização/homogeneização da noção de texto, pela ótica discursiva, a *categoria de análise* (Indursky, 2006), texto, é percebida como uma materialidade fortemente heterogênea. Heterogênea em sua constituição como costura de recortes discursivos, de formações discursivas até mesmo antagônicas, de posições-sujeito, de diferentes materialidades e linguagens.

No entanto, como Orlandi (idem) mesmo reconhece, o corpo textual não é exatamente um apanhado de discursos desordenados que saem em disparada para se perderem em caminhos distintos. Ele é regulado pela função-autor cujo papel é dar uma direção principal ao texto, colocá-lo em ordem, pelo menos, para lhe dar uma "aparência" de unidade. Assim a autora (1996, p.14) considera que *o texto "'parte' em inúmeras direções"*, mas salienta: *não qualquer uma*. O trabalho de determinar uma formação discursiva dominante para o texto a fim de indicar-lhe um direcionamento de sentido é função do autor.

A noção de autoria Orlandi busca em Foucault (1969) para quem o autor não se trata do indivíduo empírico que assina o texto, mas de *um princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência* (Foucault, 1970, p. 26). O autor, para a AD, se propõe como origem do sentido, regulando "seu" dizer, costurando a superfície textual, amarrando suas partes a fim de que o texto obtenha uma forma coerente que dissimule sua heterogeneidade.

A AD procura, portanto, romper com o imaginário de texto como um arranjo sintático-semântico ou seqüencial, uma unidade com início, meio e fim, cuja função principal seria a de transmitir uma mensagem, um conteúdo. Para a AD, o texto se configura feito um *espaço simbólico aberto*, como propôs Orlandi (1996, p.66), é matéria sem corpo definido, cujas várias formas, ou versões, lhe atribuem sentidos diversos.

Se o processo de textualização se imprime em qualquer forma material, como então explicar por que, quando admiramos uma obra de arte inovadora nos materiais e métodos, não conseguimos fazê-la significar. Nesse caso, é a memória discursiva que encontra obstáculos para cumprir seu papel. Não encontramos um dizer já dito e esquecido em nosso inconsciente para "colá-lo" àquela imagem. É deste modo que o texto faz sentido, é preciso associá-lo a dizeres já produzidos e inscritos em uma rede significativa.



Tomemos como exemplo uma das capas a serem analisadas neste artigo (figura 1). Como poderia ser concebível uma capa de revista que apresentasse apenas uma imagem, sem que houvesse palavras para traduzi-la? Pois a revista *Veja*, numa versão original, lança sua primeira - e única até o presente momento - capa em que a linguagem verbal é apagada de sua textualização.

No entanto, nela, a falta de palavras não implica a falta de sentido, uma vez que, por meio dos dizeres que circulam na conjuntura social de onde se pôde produzir tal materialidade, podemos interpretar essa imagem associando-lhe uma "memória" de dizeres já ditos e esquecidos. Esses saberes ficam ressoando numa estrutura vertical para de lá despontarem na linearidade do discurso.

Figura 1



*Veja* (27/09/2006)

Assim como as imagens, as palavras nada significariam se não fosse por meio da memória discursiva que faz retornar sentidos já fixados no eixo da repetição, já instaurados no curso da história. Linguagem e história se imbricam, portanto, na constituição do texto.



Abordando a imagem especificamente, observa-se juntamente com Davallon (1983, p.31) que esta constitui um *operador de memória*, ou seja, a falta da palavra não impede que o não-verbal funcione discursivamente, visto que é a memória que sustenta sua significação. No entanto, ao mesmo tempo que a AD se aproxima das reflexões de Davallon, ela se distancia no que tange à concepção de memória a ser explorada. Na perspectiva da AD, a memória discursiva é diferente da memória individual, psicológica ou coletiva. É uma memória entrecortada pela linguagem e pela história conforme a definição de Courtine (1981, p. 53): "a noção de memória discursiva concerne à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas por aparelhos ideológicos". Esse tipo de memória funciona, portanto, como espaço de circulação de sentidos os quais são repetidos, lembrados, esquecidos ou mesmo recuperados no eixo da formulação. Nesse aspecto, Zoppi-Fontana (2002, p. 178) assevera ainda que a memória discursiva é "o espaço dos efeitos de sentido que constituem para o sujeito 'sua realidade', enquanto representação imaginária (e necessária) da sua relação com o real histórico no qual está inserido". Desse modo, é no espaço discursivo da memória que se constrói o imaginário, a impressão de realidade para o sujeito.

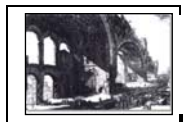
Neste trabalho, procuro mostrar qual é o imaginário que o grupo *Veja* constrói sobre Lula, mobilizando quatro capas, duas delas que considero intertextuais, mas todas estabelecendo relações de interdiscursivas entre si. Passo, então, às análises a fim de mostrar como a capa de revista pode funcionar discursivamente como um texto a partir do atravessamento da memória discursiva.

#### A CAPA DE REVISTA COMO UMA MATERIALIDADE TEXTUAL

É com a capa que o leitor tem o primeiro contato com a revista. A partir dela ele decide se compra aquele exemplar ou não, ou mesmo, se a encontra numa biblioteca ou consultório médico, se há o interesse de folheá-la.

Para atingir o efeito de impacto no leitor em potencial, a capa deve ser acima de tudo atraente e o mais sucinta possível em termos de informação. O trabalho da montagem da capa tem de ser, portanto, criativo para prender a atenção daquele que poderá ser seu leitor. Para isso, o grupo *Veja* utiliza-se de imagens e formas materiais diversificadas, o que faz com que a capa de revista rompa com o modo linear de apresentação do texto, uma vez que sua leitura se torna multidimensional. A disposição da imagem no centro do espaço





textual e se estendendo feito um cenário reclama a atenção visual imediatamente. Só após a visualização da imagem é que o verbal recebe notabilidade, ou seja, torna-se perceptível.

Passo, então, à análise dos recortes selecionados para compor este artigo.

#### Recorte 1:

Na capa antecipada pela figura 1, o que de imediato reclama atenção é a ausência da linguagem verbal. Como mencionado anteriormente, a ausência de palavras nessa materialidade não prejudica a produção de sentidos. Por outro lado, o silêncio das palavras, segundo Orlandi (1996b), pode significar tanto quanto sua verbalização. O que garante a leitura da imagem é a mobilização da memória discursiva que recupera suas condições de produção e a conjuntura social através das quais podemos produzir sentidos a essa imagem sem temermos "equívocos".

O contexto social diz respeito ao momento em que está repercutindo o caso da compra de dossiê falso contra o candidato do PSDB ao governo de São Paulo, José Serra. Esse acontecimento vem à tona um ano após ter repercutido os escândalos de compra de votos de parlamentares e contribuições de campanha não declaradas por membros do governo e do Partido dos Trabalhadores. Assim, podemos perceber que, nesta imagem distorcida de Lula, cabeça maior que o corpo, nariz adunco, orelhas de abano, com as mãos no bolso e a faixa presidencial servindo de venda aos olhos, há um dizer ressoando: "Ele diz que não sabia de nada".

Em virtude da circulação já saturada desse enunciado na mídia, sua verbalização para o grupo *Veja* se torna dispensável. Há, neste caso, um direcionamento de sentido para o texto construído como efeito de unidade, fechamento textual. O comportamento omissivo do presidente é representado pelo imagético de forma a mostrá-lo confortável nessa posição, com as mãos no bolso, sem ação frente às denúncias, num comportamento conivente com os atos ilícitos dos agentes do governo, o que, na interpretação do grupo *Veja*, é o mesmo que autorizar a prática desses atos, como se pode perceber nas seqüências discursivas abaixo:

*Por ter criado e mantido um ambiente propício à propagação da corrupção em seu governo [...] Lula é o patrono da desastrada compra com dinheiro sujo do falso dossiê. (Veja, 27/09/06, p. 59)*

*Lula acaba servindo como sinal verde, como autorização tácita para que atos clandestinos e irregulares sejam cometidos. (Veja, 27/09/06, p. 66)*





Essa conviência de Lula leva o grupo *Veja* a enquadrá-lo no imaginário de Presidente corrupto construído em torno de Fernando Collor de Melo, único presidente do país a sofrer um processo de impeachment por corrupção passiva. A construção discursiva dessa comparação é representada na outra capa cuja análise trago no próximo recorte a fim de dar maior consistência a este gesto interpretativo-analítico que procuro desenvolver.

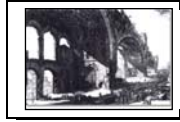
Recorte 2:

Figura 2



*Veja* (16/06/2006)

Essa edição é anterior a que foi trabalhada no recorte 1 e trata do episódio de denúncia do chamado "mensalão", contribuição ilegal a parlamentares. Já nesse texto, há a presença do verbal e do não-verbal funcionando discursivamente a fim de causar o efeito de comparação entre Lula e o presidente deposto Fernando Collor de Melo, o que é compreendido, primeiramente, pelo desdobramento do segundo "l" do nome Lula que



serve como um recurso visual para retomar o nome Collor. Além disso, as cores da faixa presidencial nessas duas letras "I", referem-se mais uma vez à posição de presidente, agora remetida a ambos. Outra semelhança significativa com a representação anterior é construída pelos dizeres logo abaixo do nome Lula, com dois "I": "Sem ação diante do escândalo", o que forja o imaginário de omissos recuperado na outra capa, "Lula está em uma situação que já lembra a era Collor". Collor, expurgado do cargo de presidente por um dos mesmos motivos que levam Lula a ser condenado pelo grupo *Veja*, retorna no eixo da atualidade para direcionar o sentido de que o governo de Lula merece receber o mesmo fim.

Quanto à representação imagética da figura do político, esta vem agora pouco explorada, em uma foto pequena bem acima dos "I" duplos. Nesta foto, Lula está de cabeça baixa aparentando um semblante preocupado, veste terno escuro e gravata vermelha, mesma combinação usada para representá-lo na capa anterior. Considero esse traço imagético como um elemento de intertextualidade que, a nível interdiscursivo, alude a uma das representações da bandeira do PT, a estrela vermelha ao centro no fundo branco.

Recuperar a imagem da bandeira petista implica mobilizar o imaginário construído em torno do PT, partido de esquerda, que, segundo Mariani (1994, p.222), recebeu os efeitos de sentidos atrelados aos comunistas, ou seja, "ocupou o lugar de inimigo antes ocupado pelos comunistas". O imaginário de comunismo radical, perverso, passa a refletir, mesmo amenizado, no imaginário de esquerda que, combinado ao sentido de despreparada para governar, constrói o imaginário do grupo *Veja* sobre Lula: *comunista, despreparado, semi-analfabeto, burro, mau governante*, o que desencadeará no *presidente corrupto*, fazendo retornar os enunciados de 1989: "Lula não deve assumir à Presidência da República", "Se o PT ganhar às eleições será o caos". O imaginário que se constrói em torno de Lula causa o efeito de comprovação do já-dito.

As análises que seguem vêm a corroborar com esse gesto interpretativo, possibilitando à compreensão do processo de textualização do discurso que produz tal imaginário.

### Recorte 3

A produção da capa da figura 3 se insere na mesma série discursiva de produção textual para o episódio de corrupção no governo Lula em seu primeiro mandato. Como contexto histórico imediato, a reportagem da *Veja* trata da repercussão no governo da



demissão do ministro da casa civil, José Dirceu, em virtude dos escândalos envolvendo seu nome.

Figura 3



(*Veja*, 22/06/2005)

A partir do episódio da demissão de José Dirceu, o grupo *Veja* empreende a produção do efeito de crise no governo. Para isso, apresenta o tema por meio da capa com a imagem do busto do presidente Lula, forjado para essa montagem, desabando. Ao lado da imagem, lemos: Com a demissão de José Dirceu, Lula tenta salvar o governo e sua biografia. Logo a baixo, em letras graúdas, faz-se a pergunta: "Tem conserto?".



A imagem do busto nos remete ao imaginário de figura histórica, visto que só as pessoas públicas que recebem notoriedade inscrevem-se na história oficial dos grandes feitos e têm seus bustos exibidos nos espaços públicos. Mas aqui o busto de Lula desaba, como em um terremoto, como o resultado de uma tragédia natural. Nessa materialidade, a tragédia é uma metáfora da crise.

Segundo o discurso do grupo *Veja* sobre esse acontecimento, Lula, como um presidente popular, tendo uma trajetória de dificuldades, tinha de tudo para ser imortalizado como um dos grandes nomes da história oficial do Brasil. No entanto, o efeito de escândalo apontado pela *Veja* faz com que esse destino tome outro rumo.

O desabamento mostra, então, os sentidos negativos se historicizando no imaginário acerca de Lula que o grupo *Veja* pretende produzir como sendo social, o que, para esse grupo, será institucionalizado na forma de biografia. A pergunta "tem concerto?" apresenta-se mais como uma pergunta retórica cuja resposta seria "óbvia". O modo como a *Veja* discursiviza o caso do "mensalão", mesclando-o ao do dinheiro não contabilizado da campanha petista, o nomeado "caixa dois" de campanha, causa o efeito de "desastre", de fracasso da administração de Lula, o que, pela tamanha proporção, não encontraria meios para revertê-lo. Nas previsões de *Veja*, Lula está fadado ao repúdio da sociedade. Esse é o efeito de sentido que a revista busca ao criar um imaginário que se pretenda social, ao procurar manter um sentido como consenso.

#### Recorte 4:

Apesar da formulação e a circulação pelo grupo *Veja* de um imaginário negativo, a conjuntura social caminha em uma direção inversa, e Lula é reeleito. A montagem da capa da revista que trata de sua segunda vitória (figura 4) destoa daquela apresentada na primeira vitória cujo efeito de sentido produzido era o de saudação.



Figura 4

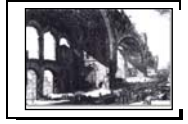


(*Veja*, 08/11/2006)

Nesta capa, aparece a fotografia de Lula recortada em dois planos, um representando o primeiro mandato e o segundo, a sua reeleição. O primeiro plano da imagem representa uma folha de papel que é virada, representando imagetivamente o ato de se "virar a página", esquecer o passado sombrio e avançar com novas metas. Porém a fisionomia de Lula não sugere um efeito de sentido tão positivo assim.

A parte do rosto do presidente mostrada no primeiro plano, o da "página virada", está desbotada, sem cor, sem brilho, a pele craquelada feito uma parede cujo reboco se prepara para esfacular. Uma representação que considero um vestígio da capa anterior (figura 3), ou seja, há uma relação intertextual entre as duas capas, mostrando que o primeiro mandato se representa pelos escândalos que abalaram sua biografia.





A essa penosa imagem temos, ao lado, os dizeres: *O primeiro mandato de Lula foi pífio* e as reticências ao final sugerem sua continuação na próxima página. A predicação de "pífio" ao primeiro mandato de Lula, além de desqualificá-lo, mostrando-o como um governo sem expressão, faz retornar o "já-dito" de que Lula e o PT são corruptos e desqualificados para assumir a presidência do Brasil.

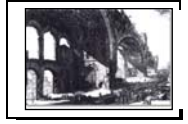
"Virando, então, a página", no segundo plano da imagem, vislumbramos a outra parte do retrato, porém colorida. Apesar das cores, a imagem não parece mais positiva. Lula não sorri. Aliás, o canto esquerdo de seus lábios parece até levemente caído, assim como a esquerda, caída, desmoralizada. Os olhos com pouco brilho e os lábios contraídos dão uma expressão séria e preocupada ao presidente reeleito. Seguindo as reticências temos o seguinte dizer: *e agora ele tem mais quatro anos para deixar um legado de grandeza*, isso é o que o grupo *Veja* interpreta como sendo o desejo de Lula, tentar escrever uma biografia positiva, entrar para a história como "herói", não como mal-feitor. Porém para *Veja*, no primeiro mandato, Lula só soube se portar como "mal-feitor", enganando o povo de que nada sabia sobre as ilícitudes ocorridas no planalto, perdoando os "bandidos" ao invés de condená-los.

Em letras graúdas, o escrito *A última chance* gera o efeito de sentido de que o primeiro mandato de Lula foi mal sucedido e de que sua vitória é agora apenas uma concessão do povo brasileiro que lhe deu mais uma *chance* para tentar fazer alguma benfeitoria ao Brasil.

Nesta análise, é percebido tanto o trabalho das relações interdiscursivas quanto das relações intertextuais envolvendo condições de produção específicas. Sendo assim, o que se pode concluir é que a capa de revista constitui uma possível forma de textualização do discurso, evidenciando a heterogeneidade e a pluralidade da noção de texto.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações teóricas e análises feitas, não podemos considerar que as diferentes materialidades, pelo seu formato e deslinearização da leitura, constituam desvios da materialidade textual. A cor, a textura, o som, a luz, a forma, não podem ser vistas como um corpo desviante, mas um corpo desejado pelo sujeito que, na sua ilusão de produzir o puramente original, vai dando outras formas ao dizer, formulando outras versões textuais.



Compreender o funcionamento de um texto na AD, portanto, significa verificar suas condições de produção, os sentidos envolvidos, o funcionamento da memória, atingindo, assim, o processo de constituição do discurso ali materializado.

Além disso, ao percebermos, pelo viés discursivo, como a textualidade da capa de revista pode funcionar significativamente apesar da complexidade de sua constituição, faz-se necessário pensá-la como uma materialidade rica e instigante a ser trabalhada no ensino de leitura.

Quanto à análise desenvolvida neste trabalho, pode-se concluir que o imaginário do grupo *Veja* sobre o objeto discursivo Lula é construído a partir da mobilização da memória discursiva que cria o efeito de sentido de *despreparado, mau governante, corrupto*.

Saliento, por fim, que tal imaginário compreende a uma interpretação particular do grupo *Veja* que, embora busque apagar a opacidade constitutiva da linguagem, é apenas um dos tantos modos possíveis de se recortar o real, de fazê-lo significar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- COURTINE, Jean-Jaquecs. Analyse du discours politique. *Langages*, n.61, juin, 1981.
- DAVALLON, Jean. (1983). A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. São Paulo: Pontes Editores, 1999. p.23-37.
- HERBERT, Thomas. (1968). Observações para uma teoria geral das ideologias. *Rua*, Campinas, n.1, 1995, p. 63-89.
- INDURSKY, Freda. A categoria texto no âmbito dos estudos da linguagem: especificidades, contrapontos, limites. In: ORLANDI, Eni & LAGAZZI-RODRIGUES, Suz (Orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006. p.33-80.
- MALDIDIER, D. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. In: ORLANDI, E. P. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Trad. B.S.Z. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p. 15-28.
- ORLANDI, Eni. A análise do discurso: algumas observações. *D.E.L.T.A.*, v. 2, n. 1, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1996a.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996b.





\_\_\_\_\_. Discurso e texto. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. (1969). Por uma análise automática do discurso. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Análise do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p.61-89.

ZOPPI-FONTANA, Mônica G. Acontecimento, arquivo, memória: às margens da lei. *Leitura - Discurso: história, sujeito e ideologia*, n. 30, jul. - dez., 2002, p. 175-205.